



XVI COLOQUIO INTERNACIONAL DE
GESTIÓN UNIVERSITARIA – CIGU

Gestión de la Investigación y Compromiso Social de la Universidad

Arequipa – Perú
23, 24 y 25 de noviembre de 2016

ISBN: 978-85-68618-02-8

**MOBILIDADE ESTUDANTIL INTERNACIONAL: PROGRAMA CIÊNCIA SEM
FRONTEIRAS EM EVIDÊNCIA**

KAREN LUCIA MARTINEZ

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

kaluma@gmail.com

LUCIANE STALLIVIERI

UFSC

lustalliv@gmail.com

MARCIA DA SILVA MAZON

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

marciadasilvamazon@yahoo.com.br

RESUMO: O artigo trata de uma política de governo brasileira, associada ao primeiro período do Governo Dilma Rousseff (2011-2014), como forma de estimular a mobilidade estudantil internacional no Brasil. O objetivo é analisar os desafios do Programa Ciência sem Fronteiras, através do depoimento dos coordenadores dos cursos de graduação e do testemunho dos estudantes atendidos pelo Programa. Como métodos foram utilizados dois *surveys* compostos por entrevistas semiestruturadas com os coordenadores e um questionário através do *Google Docs*, aplicado aos alunos, em parceria com a Secretaria de Relações Internacionais (SINTER) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A análise do objeto de estudo sugere a necessidade de utilização de mecanismos mais aprimorados na seleção dos acadêmicos e um melhor conhecimento da qualidade das Instituições de Ensino Superior estrangeiras que acolhem os estudantes. Igualmente, problemas burocráticos são citados conforme narrativas dos coordenadores da UFSC. Conclui-se, igualmente, que acadêmicos com capital econômico elevado e que já possuem um volume razoável de capital cultural somam vantagens em relação às outras classes sociais no acesso a este Programa.

PALAVRAS-CHAVE: Internacionalização da Educação Superior. Mobilidade Acadêmica Internacional. Ciência sem Fronteiras.

1 INTRODUÇÃO

Durante a Idade Média, a mobilidade estudantil tinha como objetivo a procura de novas descobertas e novos conhecimentos em várias partes do continente. Não obstante, ocorria muito fortemente, igualmente a experiência da viagem em si, no sentido de ser um valor educativo peculiar. Stallivieri (2003) afirma que, nesse período, os estudantes se deslocavam da Europa Central para a França nas universidades em Paris, Montpellier, Orleans, igualmente nas universidades italianas em Bolonha, Pádua e Siena. As primeiras escolas europeias já detinham um cunho internacional, denominado “*universitas*”. As escolas eram compostas por professores e estudantes de regiões e países diversificadas cujo objetivo era o conhecimento.

Como o próprio nome diz “*universitas*”, a universidade constitui-se em um universo cultural, que abriga a universidade e a multiplicidade de visões de mundo, posições filosóficas, tendências científicas e políticas, enfim, diferentes modos de pensar dos seres humanos, oriundos de diferentes partes do planeta (STALLIVIERI, 2003, p. 2).

Souza (2013) relata que durante a época do Brasil colonial, as pessoas que quisessem estudar em uma universidade se deslocavam para Portugal. Na metrópole havia escolas de economia, engenharia, medicina, matemática, agricultura e treinamento militar.

Segundo Stallivieri (2003), com o fenômeno da globalização das últimas décadas do século XX, as universidades tiveram que se reorganizar de acordo com os novos desafios. Desafios que instigaram as universidades a modernizar e a rever conceitos para permitir que seus estudantes tivessem competências profissionais e acadêmicas para atuar numa sociedade cada vez mais internacional e multicultural. Esse novo quadro trouxe como desafio a cooperação internacional como alternativa para a difusão do ensino, da pesquisa e da extensão. Com o escopo de gerar conhecimento, na análise da autora, a universidade coopera na grande velocidade das transformações tecnológicas, para o desenvolvimento dos meios de comunicação e igualmente na rapidez da circulação de informações. Isso faz com que a população tenha maior acesso ao conhecimento nos lugares mais remotos do globo, produzindo um acelerado processo de internacionalização.

O fenômeno da globalização da ciência, cultura e das tecnologias, demanda aos estudantes universitários um nível de formação e conhecimento muito mais competitivo. Para isto, as universidades são chamadas a atender esta demanda preparando melhor seus alunos. Como consequência, ampliou-se a missão da universidade, instituição que produz e socializa o conhecimento científico, o vetor de expansão, de qualificação e, mesmo de manutenção de sua atividade primordial (STALLIVIERI, 2003).

Teichler (2004) advoga a mobilidade estudantil como indispensável para ampliação de conhecimentos, propagação de informação e internacionalização. Mobilidade para o autor é uma forma de transmissão de conhecimento em uma ordem vertical, no sentido que consiste de um deslocamento de informação a partir de lugares com níveis superiores para locais de menor nível ou com lacunas dos mesmos em determinadas áreas. O autor aborda esse deslocamento de informações numa visão análoga ao conceito do *brain circulation* (circulação de cérebros) de Baruffaldi e Landoni (2012), cujos conhecimentos adquiridos são transpostos pelos pesquisadores aos seus países de origem.

A perspectiva deste artigo é a de questionar a ideia do ator maximizador de riquezas e pensar a decisão pela mobilidade internacional por parte dos estudantes enquanto uma construção social que diz respeito ao contexto no qual estes estudantes interagem e os valores, motivações e visões de mundo que são construídos e reconstruídos no curso da própria ação (Bourdieu, 2005; Weber, 2004). Para tanto, aponta-se como tema principal deste estudo a internacionalização do Ensino Superior e a mobilidade acadêmica internacional, realizada por meio do Programa Ciência Sem Fronteiras (CsF), instituído em 13 de dezembro de 2011, através do Decreto de Lei nº 7642 (BRASIL, 2011). Trata-se de uma iniciativa conjunta do

Ministério da Educação (MEC) e do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) do Brasil, por meio de suas agências de cooperação internacional - a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Consiste de um Programa Federal, com uma promessa inovadora no Brasil, de oportunizar a formação internacional aos estudantes das áreas tecnológicas e da saúde.

Pretende-se investigar e compreender os desdobramentos do programa brasileiro de mobilidade acadêmica internacional - o Programa CsF - através de uma perspectiva sociológica, valendo-se do entendimento dos coordenadores de curso de graduação e das percepções dos acadêmicos que foram beneficiados com bolsas de estudos concedidas por esse Programa. Entre os desdobramentos, busca-se identificar se os mecanismos de seleção dos candidatos estão adequados e se o Programa está atingindo os objetivos a que se propõe, proporcional ao volume de recursos destinados para sua realização.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Internacionalização do Ensino Superior

A internacionalização do Ensino Superior brasileiro exprime os interesses nacionais no conjunto de valores sociais, econômicos e políticos. O discurso associado ao Programa CsF anuncia o financiamento de áreas relacionadas à tecnologia e à ciência com o intuito de projetar o Brasil na economia global, igualmente com o propósito do desenvolvimento de outro idioma (SPEARS, 2014).

A circulação de cientistas entre países é concebida como uma mobilidade cujo objetivo é o desenvolvimento das suas competências, alcançando melhores oportunidades na carreira (MOREIRA, ARAÚJO, 2012). Essa transferência de conhecimentos sem fronteiras acontece por redes estabelecidas. Com efeito, a crescente internacionalização demonstra que poucos pesquisadores retornam ao seu país de origem (BARUFFALDI; LANDONI, 2012). Essa transferência de conhecimento através das fronteiras é feita por mobilidade física e redes especificamente estabelecidas, cujo fenômeno de transferência é denominado fuga dos cérebros (*brain drain*).

Segundo Baruffaldi e Landoni (2012), o *brain drain* expressa o movimento de profissionais com capacidade de mobilidade internacional como agentes econômicos racionais com preferências dadas que deixam seu país a fim de procurar melhores condições profissionais e econômicas no exterior. Todavia, esses autores concordam que a fuga de cérebros é um termo incompleto de mobilidade, em suas implicações políticas, dando preferência ao termo circulação de cérebros (*brain circulation*). Esse conceito refere-se à mobilidade internacional de pesquisadores motivada pela natureza de sua profissão. Há uma procura de melhores oportunidades e perspectiva de avanço na carreira já que esta experiência internacional amplia conhecimentos e troca de ideias. Essa circulação de cérebros, em geral, é temporária e possui um valor global positivo no mercado de trabalho.

2.2 Mobilidade Acadêmica Internacional

Nogueira (2008) menciona a mobilidade internacional como um fenômeno que atinge somente as camadas médias, ou como a autora a define, os meios sociais favorecidos. Para a autora, o crescimento de recursos internacionais são estratégias e ou distinções que reforçam as fronteiras estabelecidas a partir dos capitais econômicos e culturais. Todavia, a autora ressalta que houve crescimento de trocas internacionais e mobilidade geográfica. Essa mobilidade expandiu-se para setores mais amplos da população, além da já mencionada elite.

A evidência das desigualdades sociais não permite que a mobilidade se torne homogênea à luz das camadas sociais.

As camadas médias reconhecem a demanda por uma ampliação das experiências de vida dos filhos através dos intercâmbios. Há várias maneiras de fazer mobilidade como, programas de intercâmbio para graduação, intercâmbios de *high school*, entre outros (NOGUEIRA, 2008). Na visão da autora, houve uma quantidade maior de intercâmbios desde o ensino básico ao ensino superior, consequência de acordos e projetos com parcerias internacionais.

O Programa Erasmus, em 1987, teve 20.000 acadêmicos e em 2004 calcula-se que 1.400.000 acadêmicos realizaram intercâmbio por esse Programa (NOGUEIRA, 2008). A autora mostra que 62% dos acadêmicos provêm de países do Sul e se deslocam para países do Norte, saindo de países em desenvolvimento para países desenvolvidos.

No nível universitário, a preferência por certos países é evidente, visto que a maioria relativa de jovens matriculados em instituições universitárias fora de seu país de origem encontra-se nos Estados Unidos (28%), Reino Unido (12%), Alemanha (11%), França (10%) e Austrália (9%) (NOGUEIRA, 2008, p.362).

Dados da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) apontam que no ano de 2005 chegou a dois milhões o número de acadêmicos no exterior. Esse crescimento pode ser em parte explicado pelo aumento de acordos bilaterais realizados entre as instituições.

O programa mais importante é o Erasmus, criado em 1987, que promove o intercâmbio e a mobilidade de alunos e professores e que propiciou, entre 1987 e 2004, mais de um milhão de intercâmbios de alunos universitários em 2.199 instituições de ensino superior (NOGUEIRA, 2008, p.359).

De acordo com Bourdieu (2005a) - em diálogo com a teoria marxista e aproximando-se de Weber - existem outras formas de capital além do econômico: o político, o cultural e o capital social. Qualquer um deles que domine o campo e produza legitimidade funciona como capital simbólico. O capital social é definido por Bourdieu como rede de relações úteis vinculadas a vários grupos. Esses grupos independem de relações objetivas de proximidade, todavia constituem trocas simbólicas. O capital econômico é analisado como um conjunto de recursos patrimoniais que estão ligadas ao capital, como fatores de produção, conjunto de bens econômicos acumulados. O capital cultural pode existir em três formas: em estado incorporado (herança familiar), o estado objetivado (bem cultural), e o estado institucionalizado (títulos escolares). E, por fim o capital simbólico que diz respeito ao reconhecimento do indivíduo e dispõe das três outras formas de capitais descritos acima (BOURDIEU; BOLTANSKI, 2007).

Segundo Wagner (1998 apud Nogueira 2008, p. 364), há uma relação simbólica desigual nos países escolhidos para ir para o exterior. Uma das relações desiguais está no reconhecimento internacional do nacional: países dominantes política e economicamente têm um nível de reconhecimento tanto na produção científica quanto no idioma, “os anglófonos podem definir como internacionais sem serem bilíngues” (NOGUEIRA, 2008, p.364). Igualmente, há um reconhecimento internacional no nacional, no sentido de haver um alto prestígio quando alguém vive uma experiência educacional no exterior, por exemplo, no Brasil, considerado país em desenvolvimento. Ademais, o idioma é um fator muito importante quando se faz intercâmbio no exterior. Nogueira menciona que entre as estratégias de internacionalização as famílias têm por finalidade o domínio do idioma cuja rentabilidade seja vasta para várias áreas de mercado, como trabalho e escola.

Com efeito, diversos estudos no campo da linguística aplicada apontam a existência de uma crença de que o lugar ideal para se aprender uma língua é o país do qual ela constitui a língua natal (NOGUEIRA, 2008, p. 365).

Um dos objetivos do Programa Ciência sem Fronteiras também é o de capacitar os acadêmicos brasileiros, oportunizando, através da mobilidade internacional o

desenvolvimento proficiente de outros idiomas, além das demais qualificações decorrentes de uma experiência internacional.

2.3 A mobilidade acadêmica internacional e o Programa Ciência sem Fronteiras

Stallivieri (2016) contextualiza, dizendo que uma das mais louváveis iniciativas do governo brasileiro, com relação à educação superior, foi o importante movimento para ampliar a inserção do Brasil, como forte protagonista no cenário da educação internacional. E o fez por meio do Programa CsF que busca promover a consolidação, expansão e internacionalização da ciência e tecnologia, da inovação e da competitividade brasileira por meio do intercâmbio e da mobilidade internacional.

Os méritos da proposta são inquestionáveis. Até o final do ano de 2014, o governo federal investiu R\$ 6,26 bilhões e concedeu 78.173 bolsas, distribuídas nas seguintes modalidades: graduação-sanduiche no exterior, 61.542; doutorado-sanduiche no exterior, 8.064; pós-doutorado no exterior, 4.332; doutorado no exterior, 2.687; mestrado no exterior, 557; pesquisador visitante especial, 628 e atração de jovens talentos, 363 (Stallivieri, 2016).

Conforme dados disponibilizados pelo Governo brasileiro, os responsáveis pelo Programa Ciência Sem Fronteiras, CNPq e CAPES, estão em constante negociação com o setor privado em busca de recursos financeiros para o fomento da mobilidade acadêmica internacional, com a finalidade de complementar o volume de recursos financeiros disponibilizados pelo Governo Federal. O apoio de recursos privados tem origem nas empresas: *Big Group*, *Boeing*, Eletrobrás, Fundo para Desenvolvimento Tecnológico das Telecomunicações (FUNTTEL), Hyundai, Natura, Petrobras, Vale, Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiros e de Capitais (ANBIMA), BM&FBOVESPA, Central de Custódia e de Liquidação Financeira de Títulos (CETIP), Câmara Interbancária de Pagamentos (CIP), Federação Brasileira de Bancos (FEBRABAN), Rede e Statoil. Há, igualmente, os parceiros do programa como a Associação Brasileira da Infraestrutura e Indústria de Base (ABDIB), *American Chamber of Commerce for Brazil* (AMCHAM), Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Bicom bustíveis (ANP), Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), Confederação Nacional do Transporte (CNT), Herbalife e TIM Brasil. Os parceiros do Programa CsF auxiliam na interlocução entre o setor privado e com o próprio Programa, ao qual facilita o ingresso dos acadêmicos nos estágios no exterior. São outorgadas bolsas nas Instituições de Ensino Superior no exterior e de acordo com o critério estabelecido pelo Programa de melhor desempenho acadêmico para Doutorado sanduiche e Pleno, Desenvolvimento Tecnológico e Informação, e Graduação (MOROSINI, BERTINATTI, GOLEMBIEWSKI, 2013).

Os candidatos aspirantes ao Programa devem cumprir requisitos previamente estabelecidos, tais como: ser brasileiro ou naturalizado; estar matriculado em instituição de ensino superior em áreas ditas prioritárias; classificado com nota do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) com escore mínimo de seiscentos pontos, considerando os pontos a partir de 2009; ter concluído no mínimo 20% e no máximo 90% do currículo previsto do curso de graduação, podendo variar conforme o edital; possuir bom desempenho acadêmico, sem ter sido contemplado anteriormente com alguma bolsa sanduiche no exterior financiada pela CAPES ou CNPq (BRASIL, 2011). Caso os acadêmicos preencham os requisitos do Programa sem atingir o nível mínimo de proficiência, eles podem ser favorecidos, a critério do CNPq e da CAPES, com cursos de idiomas presenciais no exterior e curso a distância no Brasil (MOROSINI, BERTINATTI, GOLEMBIEWSKI, 2013).

Os valores das bolsas sofrem mudanças conforme o país eleito pelo aluno, a exemplo dos Estados Unidos (EUA) cuja bolsa mensalidade é no valor de 870 (US\$), conforme ilustra a Figura 1:

Figura 1: Valores das Mensalidades das Bolsas no Exterior

1. Valores das mensalidades das bolsas no exterior por modalidade e país ou região:

Modalidade	Sigla	EUA *	Zona do Euro **	Reino Unido ***	Canadá	Austrália	Japão	Suécia	Dinamarca	Noruega	Suíça	Europa ****
		Dólar (US\$)	Euro (€)	Libra (£)	CAD (C\$)	AUD (A\$)	Iene (¥)	Coroa Sueca (SEK)	Coroa Dinamarquesa (DKK)	Coroa Norueguesa (NOK)	Franco Suíço (CHF)	USD/Europa (US\$)
Pós-Doutorado	PDE	2.100	2.100	1.700	2.660	3.000	270.700	18.980	15.670	17.050	2.570	2.860
Doutorado Pleno	GDE	1.300	1.300	1.300	1.470	1.650	148.890	11.750	9.700	10.550	1.590	1.770
Doutorado Sanduíche	SWE	1.300	1.300	1.300	1.470	1.650	148.890	11.750	9.700	10.550	1.590	1.770
Mestrado Profissional												
Graduação Sanduíche	SWG	870	870	870	984	1.300	99.640	7.860	6.490	7.060	1.060	1.180

Fonte: Brasil (2011). Tabela atualizada em 2016.

Existe a possibilidade de um valor adicional de 400 (US\$) referente à localidade para as cidades consideradas de alto custo de vida, como por exemplo, Boston e Nova Iorque, nos Estados Unidos e Cambridge, no Reino Unido (BRASIL, 2014), conforme demonstra a Figura 2:

Figura 2: Adicional de localidade

1.1. Adicional de localidade

Para as cidades de alto custo, listadas em Resolução Normativa específica, será concedido valor adicional à mensalidade conforme tabela abaixo:

Dólar Americano	Euro	Libra	Dólar Canadense	Dólar Australiano	Iene	Coroa Sueca	Coroa Dinamarquesa	Coroa Norueguesa	Franco Suíço	USD/Europa
US\$	€	£	CAN	A\$	¥	SEK	DKK	NOK	CHF	US\$
400	400	400	450	500	45.810	3.610	3.000	3.250	500	550

Fonte: Brasil (2011). Tabela atualizada em 2016.

Os benefícios oferecidos pelo Programa contemplam uma série de itens: mensalidades e adicional localidade, auxílio instalação, auxílio seguro saúde, auxílio deslocamento e auxílio material didático, sendo pagos trimestralmente mediante depósito no Cartão Bolsista no Exterior. Em relação às áreas denominadas pelo CsF como prioritárias estão incluídos os cursos (BRASIL, 2016): Engenharias e demais áreas tecnológicas, Ciências Exatas e da Terra, Biologia, Ciências Biomédicas e da Saúde, Computação e Tecnologias da Informação, Tecnologia Aeroespacial, Fármacos, Produção Agrícola Sustentável, Petróleo, Gás e Carvão Mineral, Energias Renováveis, Tecnologia de Prevenção e Mitigação de Desastres, Biodiversidade e Bioprospecção, Ciências do Mar, Indústria Criativa (voltada a produtos e processos para desenvolvimento tecnológico e inovação), Novas Tecnologias de Engenharia Construtiva e Formação de Tecnólogos.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 Natureza da pesquisa

O presente trabalho tem natureza qualitativa e quantitativa, realizado por meio de pesquisa bibliográfica e documental. Para discussão e análises, o estudo valeu-se dos dados de duas pesquisas: a) Ciência Sem Fronteiras na UFSC: universitários atendidos e percepção dos alunos e das alunas em perspectiva sociológica, que investigou os acadêmicos dos *campi* da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) contemplados com bolsas de estudo pelo Programa Ciência Sem Fronteiras (CsF); e b) Ciência Sem Fronteiras na UFSC: mobilidade em perspectiva sociológica, a qual analisou os desafios burocráticos do Programa.

3.2 Utilizando o método de pesquisa *Survey*

Babbie (1999) denomina *Survey* um método de pesquisa que utiliza questionários como uma forma de auxílio nos campos, no caso a mobilidade estudantil (CsF), para amostragem e coleta de dados. Nesse sentido essa metodologia auxilia no pensamento lógico com os dados apurados da pesquisa, descreve e explica as associações entre os dados e as teorias propostas.

O método de pesquisa de *survey* abrange a quantificação e coleta de dados, cujos dados transformam-se em fontes permanentes de informação (BABBIE, 1999). Com certo volume de dados em *survey*, pode-se verificar uma determinada teoria no comportamento social. “Não obstante, os problemas de amostragem e de generalidade são maiores no estudo do comportamento social. Pesquisa de *survey* é um veículo excelente para o desenvolvimento de métodos úteis e, por extensão, de entendimento mais amplo (BABBIE, 1999, p.48)”. Esse método permite explicar e descrever os dados obtidos, como quais cursos de graduação são mais beneficiados com esse Programa.

3.3 Utilizando o software *Google Docs*

Dekeyer e Watson (2008) descrevem que o *software Google Docs* é um documento construído pela *Google* na qual utiliza um navegador pela metodologia AJAX, cujo acesso se faz por um endereço de e-mail do *GMAIL* ou como descreve Machado (2009) apenas se cadastrando na conta do próprio *Google Docs*. Mansor (2012) analisa que o *Google Docs* é uma ferramenta poderosa de colaboração, no sentido parecido com Machado (2009) ao qual descreve a utilização de tecnologias com uma ferramenta importante para o aprendizado. Com a *WEB 2.0* passamos de expectadores para produtores de conteúdo. As mudanças ocorridas no documento do *Google Docs* são automaticamente transmitidas ao servidor e se tornam raros os conflitos que podem ocorrer nesse *software* e quando ocorrem aparece uma mensagem instantânea mostrando qual é o conflito e qual poderia ser a solução. Os conflitos se tornam raros por causa da grande frequência de atualizações deste *software*, garantindo segurança aos usuários.

Machado (2009) analisa essa nova metodologia de trabalhos pela *web* como nativos digitais ou como Pierre Lévy (2007) a descreve: inteligência coletiva, no sentido do editor poder acessar o conteúdo para classificá-lo, reorganizá-lo e compartilhá-lo.

Para este estudo, foi utilizado um *survey* composto de: entrevistas semiestruturadas com os coordenadores de curso de graduação e um *survey online* via *Google Docs*, enviado, por intermédio da Secretaria de Relações Internacionais (SINTER), aos graduandos da UFSC que participaram do Programa CsF no período de 2011 a 2016. Os alunos que concordaram em participar da pesquisa, após acessarem o *link* - <http://goo.gl/forms/oyVSUgZvYi> - eram direcionados para uma nova página na *web* com as questões *online*. Para responder o questionário eram necessários cerca de 5 a 10 minutos. Foram elaboradas 44 perguntas para a pesquisa (*survey questions*), na qual 42 questões foram apresentadas no formato objetivo e 2 questões foram narrativas. As 44 perguntas foram elaboradas num formato que os acadêmicos tivessem o poder de escolha em responder as questões ou não. Se não desejassem respondê-las, os acadêmicos tinham a opção de clicar na alternativa “não se aplica”. Esse estilo de questionário foi uma estratégia para contemplar o máximo de acadêmicos possíveis nessa pesquisa.

O total de acadêmicos participantes do Programa CsF, segundo a SINTER, é de 1940 graduandos (as). Um total de 551 acadêmicos do *campi* da UFSC e 10 coordenadores dos cursos do *campus* UFSC - Trindade responderam essa pesquisa. Neste trabalho, serão analisadas as questões referentes à: validação das disciplinas, tradução dos históricos

escolares, curso de idiomas do qual os alunos participaram, suficiência do valor da bolsa concedida pelo Programa CsF e comparações entre a infraestrutura da UFSC e da universidade anfitriã.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 Perspectivas dos Coordenadores de Curso de Graduação da UFSC com relação ao Programa CsF

Foram realizadas dez entrevistas com os coordenadores da UFSC - Trindade dos seguintes cursos: Medicina, Farmácia, Arquitetura e Urbanismo, Engenharia Mecânica, Engenharia Eletrônica, Engenharia Elétrica, Engenharia Química, Engenharia de Alimentos, Ciência da Computação e Sistemas de Informação. Foram questionados sobre as interações frente ao Programa, correspondência das disciplinas e sobre a validação dos créditos cursados no exterior, que foi um dos mais relevantes problemas levantados por eles. Os coordenadores reconhecem um distanciamento entre o programa curricular das faculdades brasileiras e as faculdades de outros países e propõem valorizar o reconhecimento do que foi feito nas faculdades anfitriãs pela experiência em si. Observa-se, ainda como efeito do CsF, que as próprias universidades brasileiras estão passando por uma experiência de reavaliação de seus currículos à luz de currículos de outros países. Teichler (2004) analisa que a questão referente à validação das disciplinas cursadas em instituições no exterior está relacionada com a supervisão e controle dos Estados nacionais, já que as instituições e os Estados nacionais não são neutros nos processos de validação.

Seria imprescindível que as disciplinas fossem compatíveis com as da Instituição no Brasil. Como no caso do CsF elas não o são, seria mister que o Programa, juntamente com as Instituições de Ensino Superior, desenvolvessem mecanismos de avaliação de créditos efetivados no exterior para serem validados na Instituição de origem. Neste caso, pode-se citar como exemplo, a Convenção de Lisboa, de 1997. A Convenção propõe validar as disciplinas do país anfitrião nas instituições do país de origem. Outro exemplo pode ser visualizado na Declaração de Bolonha, de 1999, na qual menciona a padronização dos programas. Há igualmente um projeto de desenvolvimento curricular organizado pelo programa de mobilidade ERASMUS descrito como *European Credit Transfer System* (ECTS). Esse sistema de transferência de créditos é uma estratégia da ação das universidades europeias na gestão das disciplinas realizadas no país anfitrião aos diversos sistemas de educação superior (STALLIVIERI, 2003). Azevedo (2006) explana o ECTS como sendo uma correspondência de crédito x tempo. Pela quantidade de créditos por disciplinas é possível identificar a quantidade de horas que o aluno permaneceu em sala de aula, bem como os trabalhos extraclasse.

Alguns coordenadores relatam que há um esforço para garantir que o aluno consiga de alguma forma validar as disciplinas cursadas no exterior e, caso não haja correspondência, validá-las como disciplinas optativas. Há interesse dos coordenadores sobre o sistema ECTS da União Europeia, entretanto há acadêmicos que fazem mobilidade em outros países e o sistema de créditos é significativamente diferente do sistema da UFSC, tornando a validação mais complexa na correspondência dos créditos cursados.

O processo de validação é um tanto complicado porque a escala de notas é diferente, além de olhar o conteúdo. Às vezes vem com cinco créditos, mas não se sabe quantas horas são esses créditos. A escala de notas também é o inverso da nossa, por exemplo, tem instituições que a nota zero é considerada aprovação com louvor. Escalas bem diferente, acabo tendo que pesquisar para saber converter (ENTREVISTADO 1, 2015).

Outro desafio ao trabalho dos coordenadores no processo de validação é a tradução dos históricos escolares dos alunos. Nas perguntas frequentes do sítio da SINTER, na parte sobre Históricos Escolares Juramentados e ou certificados em Inglês ou Alemão, surge à informação que o acadêmico terá que solicitar auxílio aos coordenadores ou à Junta Comercial do Estado de Santa Catarina (JUCESC), pois a UFSC não emite tais documentos na tradução do idioma pretendido. Os coordenadores sugerem que a UFSC disponha suas grades curriculares, bem como as ementas escritas em português e traduzidas para o inglês. Entende-se que essa medida envolve certo trabalho, todavia, importante tanto aos acadêmicos brasileiros quanto aos acadêmicos do exterior que têm a intenção de participar de mobilidade no Brasil, e, igualmente, tornar o currículo das universidades brasileiras internacionalizado.

4.2 Áreas Contempladas - UFSC

O questionário foi enviado a todos os graduandos que participaram do Programa CsF, desde 2011 a 2016. Assim, as perguntas são voltadas ao ano em que o acadêmico foi beneficiado com a bolsa pelo Programa CsF. O somatório de alunos que responderam às questões foi de 551, sendo que a maior quantidade de alunos contemplados com bolsas estão nas áreas de: Engenharias com 308 acadêmicos, Ciências Biológicas com 37 acadêmicos, Design com 33 acadêmicos, Arquitetura e Urbanismo com 32 acadêmicos, Farmácia com 18 acadêmicos e Medicina com 17 acadêmicos, conforme a tabela 1.

Tabela 1: Total de alunos (as) por cursos de graduação da UFSC participantes do Programa CsF

NÚMERO DE ALUNOS (AS) CsF POR CURSO DE GRADUAÇÃO			
Nome do Curso	Alunos	Nome do Curso	Alunos
Agronomia	6	Engenharia Aeroespacial	2
Arquitetura e Urbanismo	32	Engenharia de Computação	4
Ciência Biológica	37	Engenharia de Aquicultura	3
Ciência da Computação	9	Engenharia de Alimentos	10
Ciência e Tecnologia de Alimentos	4	Farmácia	18
Design	34	Física	9
Educação Física	2	Fisioterapia	2
Enfermagem	3	Fonoaudiologia	2
Engenharia Civil	48	Geografia	4
Engenharia de Controle e Automação	24	Geologia	7
Engenharia de Energia	11	Jornalismo	1
Engenharia de Materiais	20	Matemática	1
Engenharia de Produção	27	Medicina	17
Engenharia Elétrica	24	Nutrição	4
Engenharia Eletrônica	11	Oceanografia	11
Engenharia Mecânica	38	Odontologia	9
Engenharia Sanitária e Ambiental	44	Química	7
Engenharia Química	17	Sistemas de Informação	15
Engenharia Naval	13	Tecnologia da Informação	7
Engenharia Mecatrônica	4	Zootecnia	2
Engenharia de Transporte e Logística	5	Engenharia de Infraestrutura	3
Total de alunos contemplados com bolsa do Programa CsF: 551			

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir dos dados obtidos junto à Secretaria de Relações Internacionais (SINTER) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) no período de 2011 a 2016.

Para falar desta predominância na área tecnológica, em especial nas engenharias recorre-se a Bourdieu e Boltanski (2007). Na visão dos autores, existe a necessidade de investigar a relação entre as leis de transformação do campo de produção dos produtores e as leis de transformação do campo de produção econômica. Os autores afirmam que nos modos de produção mais antigos o volume de capital cultural dos agentes e o uso de máquinas eram mínimos. Até este momento “as mudanças do modo de produção comandavam mais rápida e mais diretamente a mudança das relações de produção” (BOURDIEU; BOLTANSKI, 2007, p.130). A partir de então ocorre uma valorização do capital cultural que passa a ser incorporado nas máquinas e nos agentes.

4.3 Percepções dos acadêmicos com relação ao domínio e à oferta de Cursos de Idiomas

Além de uma das metas do Programa ser o desenvolvimento das habilidades dos acadêmicos frente as suas profissões, idealizou-se, igualmente, que os acadêmicos tivessem a experiência de vivenciar outras culturas e entrassem em contato com outros idiomas.

Neste estudo, a pergunta sobre experiência anterior com um ou mais idiomas, oportunizou constatar que a maioria dos acadêmicos que participaram da pesquisa tinha conhecimento em outro idioma. No conhecimento do idioma inglês, responderam 91,1% (502 alunos), do espanhol, 17,8% (98 alunos), e 13,4% (74 alunos) detinham o conhecimento do alemão. Ficou claro que os acadêmicos participantes do CsF possuíam capital cultural. Nessa pergunta seletiva, os acadêmicos tinham a opção de assinalar todos os idiomas com os quais já havia tido algum contato. Mesmo que muitos acadêmicos já detivessem conhecimento em mais de um idioma, observaram que ainda existem dificuldades, por exemplo, quando é necessário falar em outro idioma. Dos 551 acadêmicos, 44,3% (244 alunos) tiveram dificuldades com o idioma no exterior, e 55,7% (307 alunos), não tiveram nenhuma dificuldade. Na questão, igualmente de caráter seletivo na qual os acadêmicos poderiam selecionar quais foram suas dificuldades frente ao idioma, 54,1% (298 alunos) responderam que não tiveram nenhuma dificuldade, 39,2% (216 alunos) tiveram dificuldades com a comunicação, 19,1% (105 alunos) responderam que tiveram problemas na escrita e 8,3% (46) tiveram problema na leitura.

Para sanar a lacuna da insuficiência de conhecimento de idiomas, o Programa CsF, no ano de 2012, inaugurou os cursos de idiomas, tanto no Brasil como no país anfitrião, como o *My English Online* (MEO), com aulas de inglês e o Idioma Sem Fronteiras (IsF), com aulas de inglês e francês. Deste modo, questionamos os acadêmicos em quais cursos de idiomas já haviam participado. O acadêmico poderia selecionar mais de uma alternativa entre: My English Online (MEO), Idioma Sem Fronteiras (IsF), Curso extracurricular da UFSC, Escola de Curso de Idioma, Aula Particular, Nenhum e Outro. Dos participantes desta pesquisa, 44,3% (244 alunos) já tinham experiência anterior com uma língua estrangeira antes de acessar o CsF, e foram participantes de cursos de idiomas privados como: Wizard, CCAA e FISK. Tem-se o somatório de 19,6% (108 alunos) que participaram dos cursos extracurriculares da UFSC, 3,4% (19 alunos) fizeram o IsF, 7,8% (43 alunos) participaram do MEO, 9,1% (50 alunos) participaram de aula particular, 9,1% (50 alunos) não participaram de nenhum curso e 6,7% (37 alunos) utilizaram outras formas de aprendizagem como mídia eletrônica, jogos, entre outros. Perguntou-se aos acadêmicos se participaram de cursos de idiomas oferecidos pelo CsF no exterior. Nessa questão obteve-se as seguintes respostas: 47,9% (264 alunos) participaram de cursos de idiomas oferecidos pelo CsF no exterior, e 51% (281 alunos) não participaram.

4.4 Percepções dos acadêmicos com relação ao valor da bolsa de estudos e avaliação das instituições

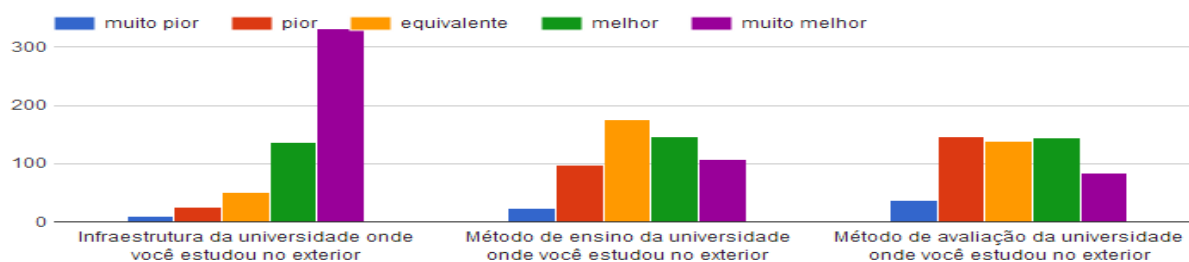
O valor da bolsa concedida pelo Programa CsF é organizado sob dois parâmetros: cidade de alto custo, onde os acadêmicos recebem uma bolsa de valor superior às demais, e a cidade de baixo custo. Nessa pesquisa, 58,4% (322 alunos) tiveram experiência no exterior em cidades de baixo custo, e 41,6% (229 alunos) foram para cidades de alto custo. Obteve-se, como resultado, a vigência da bolsa dos acadêmicos da UFSC no exterior nos seguintes países: Alemanha, 51 alunos; Austrália, 53 alunos, Áustria, 1 aluno; Bélgica, 5 alunos; Canadá, 45 alunos; China, 1 aluno; Coréia do Sul, 3 alunos; Espanha, 22 alunos; Estados Unidos, 134 alunos; Finlândia, 1 aluno; França, 29 alunos; Holanda, 22 alunos; Hungria, 20 alunos; Itália, 25 alunos; Japão, 4 alunos; Noruega, 3 alunos; Nova Zelândia, 4 alunos; Portugal, 6 alunos; Reino Unido, 99 alunos e Suécia, 4 alunos.

Para os acadêmicos da UFSC, o valor da bolsa que o CsF fornecia foi suficiente para sua manutenção no exterior. Verificou-se que 92,7% (511 alunos) declararam que sim, e 7,3% (40 alunos) declararam que o valor da bolsa não foi suficiente para sua manutenção no exterior. Questionou-se aos acadêmicos sobre alguma outra fonte de financiamento além da bolsa do CsF: 35,2% (194 alunos) selecionaram a opção que sim obtiveram alguma ajuda extra, por exemplo dos pais, 64,8% (357 alunos) responderam que não tiveram nenhum outro tipo de financiamento, somente a bolsa do CsF, reiterando que foi suficiente para sua manutenção no exterior.

Com relação à avaliação da qualidade das instituições frequentadas, solicitou-se aos alunos que comparassem a universidade do exterior com a universidade de origem. O aluno, nessa questão, tinha que avaliar três categorias: infraestrutura da universidade que estudou no exterior; o método de ensino da universidade e o método de avaliação da universidade no exterior. O aluno nessas três questões pôde selecionar cinco alternativas como: muito melhor, melhor, equivalente, pior e muito pior. No método avaliativo os resultados foram: 147 alunos acham pior o método do exterior, 144 acham melhor, 139 equivalente, 83 muito melhor o método de avaliação da universidade do exterior e 38 assinalaram a opção muito pior. No comparativo com o método de ensino da universidade anfitriã, constatamos que: 175 acham equivalente, 147 melhor o método de ensino da universidade do exterior, 108 consideram muito melhor, 98 pior e 23 muito pior. E, com relação à infraestrutura, o total é: 331 consideram a infraestrutura da universidade anfitriã muito melhor, 136 melhor, 50 consideram equivalente, 25 pior e 9 muito pior. Pode-se identificar esses resultados na Figura 3:

Figura 3: Comparações entre UFSC e as universidades no exterior

31. Comparando com a UFSC, como você avalia a universidade onde você estudou no exterior quanto aos aspectos abaixo:



Fonte: Elaborado pelas autoras a partir dos dados obtidos junto à Secretaria de Relações Internacionais (SINTER) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) no período de 2011 a 2016.

No programa CsF, os acadêmicos eram contemplados com bolsas no exterior entre 6 a 8 meses ou mais, caso fizessem estágios. A quantidade de disciplinas variou para cada acadêmico, com isso, nessa questão, foi feita uma escala de 1 ou mais de 20 disciplinas. Os acadêmicos desta pesquisa responderam que se matricularam em: 0,9% (5 alunos) mais de 20 disciplinas; 0,5% (3 alunos) em 20 disciplinas; 0,4% (2 alunos) 19 disciplinas; 0,4% (2 alunos) 18 disciplinas; 1,5% (8 alunos) 16 disciplinas; 0,7% (4 alunos) 15 disciplinas; 1,5% (8 alunos) 14 disciplinas; 1,8% (10 alunos) 13 disciplinas; 7,3% (40 alunos) 12 disciplinas; 2,5% (14 alunos) 11 disciplinas; 9,1% (50 alunos) 10 disciplinas; 9,6% (53 alunos) 9 disciplinas; 29,2% (161 alunos) 8 disciplinas; 8,7% (48 alunos) 7 disciplinas; 12,3% (68 alunos) 6 disciplinas; 4,9% (27 alunos) 5 disciplinas; 5,6% (31 alunos) 4 disciplinas; 2% (11 alunos) 3 disciplinas; 0,7% (4 alunos) 2 disciplinas; 0,4% (2 alunos) 1 disciplina. Temos então, que 408 acadêmicos se matricularam entre 7 a mais de 20 disciplinas no exterior e 143 acadêmicos se matricularam entre 1 a 6 matérias.

4.5 Sugestões dos acadêmicos com relação ao Programa Ciência Sem Fronteiras - CsF

Nessa penúltima pergunta da pesquisa, questionou-se quais seriam as sugestões de melhoria para o programa CsF. Do total dos respondentes, 201 acadêmicos preencheram a questão. Abaixo relaciona-se as principais melhorias e observações dos alunos da UFSC. Na visão dos acadêmicos, seria importante que houvesse uma seleção de bolsista mais rigorosa e com critérios mais definidos. Uma sugestão seria que somente alunos que conseguissem bolsa de Iniciação Científica (IC) na UFSC pudessem se candidatar ao Programa.

O número absurdo de bolsas fazia com que sobrassem vagas para Alemanha, podendo, portanto, ir qualquer graduando, desperdiçando dinheiro público com bolsistas ingratos e que geraram pouco ou nenhum valor para a sociedade como um todo, tornando o dinheiro estatal captado da população brasileira um dinheiro mal investido, e, pois, sendo mais um exemplo de quão prejudicial é deixar um Estado gigantesco com políticos profissionais decidindo sobre como gastar o dinheiro alheio, ao invés de tentar desburocratizar o país, realizar investimentos estruturais e tornar o país mais moderno e menos ineficiente. Se gasta dinheiro com objetivos nobres, mas exagera-se em condições monumentais exercendo pouco controle sobre o programa, onerando o Estado em proporções enormes, característica recorrente da nossa última década (ALUNO 1, 2016).

Dos 551 acadêmicos, 52,6% (290 alunos) responderam que durante a graduação obtiveram bolsas de Iniciação Científica (IC), 44,3% (244 alunos) não tiveram bolsa de IC e 3,1% (17 alunos) tiveram outros tipos de bolsas como Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e Fundação de Ensino e Engenharia de Santa Catarina (FEESC). Há igualmente as bolsas de trabalho como monitorias e estágios não obrigatórios. Em nossa pesquisa, 56,6% (312 alunos), responderam que obtiveram bolsa de trabalho durante a faculdade, 41,4% (228) não tiveram esse tipo de bolsa e 2% (11 alunos) assinalaram a alternativa outros como: bolsas na Pró-Reitoria de Pesquisa (PROPESC) e bolsa do Programa Estudantil (PRAE), entre outros. Salienta-se que as bolsas de trabalho são nomeadas como monitoria e estágio não obrigatório.

Os acadêmicos sugerem que somente os que estivessem em fases finais poderiam se candidatar, devido à maturidade, ao contrário dos acadêmicos de segundas fases considerados por eles como ainda imaturos. Os acadêmicos sugerem ainda a confecção de relatórios a cada semestre no exterior.

Alguns cursos não permitem que os alunos intercambistas façam ou acompanhem os estágios obrigatórios do curso, fazendo com que os alunos fiquem até 2 meses sem aula. O estágio de verão deve ser melhor monitorado, alguns poucos alunos realmente se inseriram em um laboratório ou acompanharam algum projeto. A maioria fez uma “pesquisa” sobre qualquer assunto que foi feito em menos de uma semana. Acredito que não deva ser permitido a desistência de algumas matérias,

com a desculpa de poder reprovar em até 50% das disciplinas do curso. Penso que é muito poder reprovar em 50% das matérias (ALUNO 2, 2016).

O acompanhamento dos acadêmicos no exterior foi algo bastante discutido. Primeiro, porque não havia ninguém para auxiliá-los fora do país. Na visão dos acadêmicos, um Programa com um montante de dinheiro significativo, deveria disponibilizar uma pessoa para auxiliá-los no exterior, não somente com a universidade, mas com a cultura, transportes, etc. Segundo, essa pessoa de apoio para auxílio no exterior seria igualmente alguém que acompanhasse o aprendizado desses acadêmicos. Muitos só viajavam e não participavam das aulas. Os alunos sugerem igualmente uma melhor comunicação com a coordenação do Programa no Brasil, com as agências CAPES e CNPq, que, segundo eles, é escassa:

O controle do Programa é falho. Há um esforço imenso em enviar estudantes para universidades, porém, não existem pessoas responsáveis pelo Programa nos locais. Não custaria manter alguém para controlar e auxiliar os alunos durante o período de estudos (ALUNO 3, 2016).

Por que não mapear os laboratórios das universidades brasileiras e assim conhecer os bolsistas que neles trabalham e mandar esse pessoal para o Programa, em universidades que possuam algum foco de pesquisa que seja o mesmo do laboratório em que ele trabalhava? O estímulo à formação de cientistas e graduados interessados em continuar seus estudos e fazer uma pós, aumentando assim a geração de conhecimento científico dentro do Brasil, seria extremamente imensa! Se isso fosse feito os resultados seriam 10 vezes melhor, mesmo com menos pessoas no Programa (ALUNO 4, 2016).

Seria possível focar os temas de pesquisa em áreas de interesse brasileiro, permitindo que o aluno continuasse trabalhando/pesquisando o tema quando retornasse ao Brasil. Desta forma, o impacto do CSF no desenvolvimento do país seria maior e o índice de alunos contemplados pelo Programa que deixam o país após a graduação, menor. Evidentemente, esse tipo de ação só seria possível caso um número menor de alunos fossem contemplados. No meu caso, por exemplo, estudei em uma universidade completamente focada no setor automotivo. Após o período de estudos, em assuntos relacionados a esta área, consegui uma oportunidade de pesquisa para trabalhar com nano partículas magnéticas. É evidente que cresci muito como engenheiro neste período e que o aprendizado foi válido, mas fico com a sensação de que dificilmente poderei utilizar o conhecimento mais específico que adquiri na indústria ou em universidades brasileiras. Além disso, estudei e trabalhei em áreas completamente distintas, o que me impediu de me aprofundar em alguma delas (ALUNO5, 2016).

Igualmente aos coordenadores, os acadêmicos reivindicaram maior autonomia na escolha das disciplinas. Os acadêmicos sugerem ainda que as disciplinas estudadas no exterior fossem validadas no Brasil, não somente como disciplina optativa. Nesse sentido, questionamos os acadêmicos quais foram às disciplinas feitas no país anfitrião. No questionário de 2016, 41,7% (230 alunos) assinalaram a opção de realização de disciplinas do próprio curso, 40,4% (223 alunos) optaram por além de fazer as disciplinas do próprio curso, igualmente se matricular em disciplinas de outros cursos, 5,4% (30 alunos) fizeram algumas disciplinas do seu próprio curso e a opção de fazer disciplinas de outros cursos foi pela falta de vagas nas disciplinas de seu curso, 4,5% (25 alunos) fizeram disciplinas de outros cursos porque o desejaram 3,6% (20 alunos) fizeram disciplinas de outros cursos, pois não tinham vagas nos cursos correspondentes e 4,4% (23 alunos) assinalaram a alternativa outros e escreveram que não havia disciplinas do curso do aluno.

Além de aprimorar a seleção dos alunos, poderia haver melhor seleção das universidades, contato mais eficaz com a CAPES e com o CNPq, entre as universidades brasileiras com as universidades no exterior, para entender melhor o que os cursos oferecem e se eles são relevantes para os alunos. Para alguns alunos, muitas universidades eram piores

em comparação com a UFSC. Algumas universidades tinham uma infraestrutura melhor comparada a UFSC, todavia os cursos deixavam a desejar em algumas universidades.

Importante mencionar que no ano de 2012 o Jornal Folha de São Paulo, informou que o país Portugal era o principal destino dos estudantes de graduação. O programa retirou Portugal do Edital, e ao mesmo tempo, inseriu cursos de idiomas aos graduandos no exterior.

Curso de idiomas no exterior; na minha universidade na Austrália havia mais de 100, repito 100, brasileiros estudando inglês, pois não tiveram a pontuação mínima. Resultado: um monte de brasileiro estudando inglês juntos... assim que saem da sala começam o português. É inacreditável o programa mandar gente para fora pra estudar inglês, que desperdício, pode-se muito bem estudar no Brasil, investir na educação do inglês aqui dentro mesmo. Não, eles não aprendem melhor lá fora, a vivência não conta, eles só fazem amizade com brasileiros e ficam todos juntos falando português. Até mesmo para entrar numa universidade pública você já deveria saber inglês, pois é cobrado no vestibular (ALUNO 7, 2016).

Outros mencionaram o fato de brasileiros permanecerem juntos no país de destino:

Tentar dispersar melhor os estudantes, no caso da minha universidade era quase 300 brasileiros morando praticamente juntos, percebi que houve muita comodidade, óbvio que o maior erro foi dos alunos em não se misturar com outras nacionalidades, mas acredito que evitando essa aglomeração de brasileiros haveria um melhor aproveitamento do intercâmbio no geral. Acredito também que uma melhor administração e fiscalização colaborariam para gastos e cobranças desnecessárias que ocorriam lá (ALUNO8, 2016).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste artigo foi explorar o campo da mobilidade estudantil internacional viabilizada pelo Programa Ciência Sem Fronteiras. Um dos intuitos foi analisar os processos de validação de disciplinas, aproveitamento de créditos cursados e os procedimentos para tradução dos históricos escolares. Foi consensual o relato dos coordenadores de curso com relação à validação das disciplinas. Embora reconhecendo as dificuldades encontradas pelos alunos no processo de validação a percepção dos coordenadores é de que o objetivo do programa CsF não está na validação da disciplinas em si, mas sim na experiência e no contato com o conhecimento diferenciado daqueles que estão disponíveis no Brasil. No presente momento, a UFSC não possui documentos internacionalizados, como ementas e disciplinas dos cursos de graduação traduzidos para o idioma inglês. Por conta desta lacuna, o acadêmico tem que procurar o auxílio da Junta Comercial do Estado de Santa Catarina (JUCESC) ou do coordenador do curso, o qual fará a tradução “gentilmente”, como descrito no sítio da Secretaria de Relações Internacionais (SINTER), demonstrando a fragilidade no processo de internacionalização. Todavia, os coordenadores descrevem o programa CsF como uma oportunidade ímpar e relevante para a formação acadêmica e profissional dos estudantes. Mesmo contendo algumas falhas burocráticas, a seleção dos acadêmicos é a que mais requer atenção por parte da coordenação do Programa CsF, entre outras mencionadas. Outro ponto importante é que, para os intercambistas, a mobilidade não se reduz a uma experiência de sala de aula. Os acadêmicos têm a oportunidade de contato com culturas diversas, interação com outras pessoas com experiências de vida diferente das suas, o que foi considerado altamente enriquecedor.

No relato dos acadêmicos, a maior parte deles, 91,1% dominavam o idioma inglês. Muitos tiveram aulas em escolas de curso de idiomas quanto aulas particulares. Ainda assim, os acadêmicos concordam que poderia existir um sistema de cotas para que acadêmicos de menor renda pudessem participar desse Programa. O autor Bourdieu (2007a) analisa que uma das estratégias das famílias médias que possuem um capital econômico elevado e consequentemente capital cultural, é o diploma, e ele se transmuta em universalizador do

trabalhador. O sistema de ensino promove um valor universal intemporal na relação com o aparelho econômico:

Assim, introduz o princípio de uma autonomia dos agentes econômicos dotados de diplomas em relação ao jogo livre da necessidade econômica – assim se explica a hostilidade dos agentes dominantes do campo econômico em relação ao sistema de ensino, mecanismo coletivo de proteção, e sua preferência pelos diplomas da casa – engenheiro da casa (BOURDIEU; BOLTANSKI, 2007, p. 131).

Analisa-se, por fim, que, para os acadêmicos, o Programa CsF poderia ser muito mais proveitoso, se fosse melhor planejado e administrado. Nos resultados desta pesquisa, os acadêmicos enfatizaram o valor considerado elevado das bolsas disponíveis, bem como questionaram sobre o processo seletivo do CsF. Na visão dos acadêmicos o processo deveria ser mais meritocrático. Segundo eles, seria mais eficaz se o Programa contemplasse com bolsas somente os acadêmicos com bom desempenho escolar, com bolsa Iniciação Científica e com mais amadurecimento na universidade, ou seja, nas últimas fases do curso no Brasil.

Teichler (2004) observa que a mobilidade estudantil na sua perspectiva ampla é uma ferramenta com muitos benefícios, como ampliação de conhecimentos e expansão dos horizontes. O autor observa que o conhecimento se transmite verticalmente de países do Norte para países do Sul. Todavia, nas sugestões dos alunos poderia haver uma melhor comunicação entre CAPES, CNPq, UFSC e as universidades no exterior, para que os acadêmicos possam estudar em universidades com qualidade assegurada e compatíveis com a UFSC.

REFERÊNCIAS

- CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS. **Painel de Controle**. Disponível em <http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/painel-de-controle> Acesso em: 15 set. 2016.
- _____. Programa Ciência Sem Fronteiras. **Mensalidades**. Disponível em: <http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/valores-de-auxilios-e-bolsas> Acesso em: 11 maio 2015.
- _____. Programa Ciência Sem Fronteiras. **Manual de Candidatura**. Disponível em: < <http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/documents/214072/4544774/Manual-do-Bolsista-CsF-Graduacao-Sanduiche1102013.pdf> Acesso em: 15 set. 2016.
- _____. Empresas financiadoras e parceiras do Programa CsF. Disponível em: <http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/empresas>. Acesso em: 18 de jun. 2016.
- BABBIE, Earl. **Métodos e Pesquisas Survey**. Tradução: Guilherme Cesarino. ed. BH: UFMG, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. **Os excluídos do interior**. Escritos da Educação. ed. Vozes: RJ, 2007a.
- _____. **Os três estados do capital cultural**. Escritos de Educação. ed. Vozes: RJ, 2005.
- _____. **O campo econômico**. Política e Sociedade. Revista de Sociologia Política, vol. 1, nº6, 2005a.
- BOURDIEU, Pierre; BOLTANSKI, Luc. **O Diploma e o Cargo**: relações entre o sistema de produção e o sistema de reprodução. Escritos da Educação. Tradução: Maria Alice Nogueira. ed. Petrópolis: RJ, 2007.
- CASTRO, Claudio de M.; HÉLIO, Barros; ITO-ADLER, James; SCHWARTZAN, Simon. **Cem Mil Bolsistas no Exterior**. Interesse Nacional, São Paulo, n.17, p. 25-36. 2012.
- DEKEYSER, Stijin; WATSON, Richard. **Extending Google Docs to Collaborate on Research Papers**. Disponível em: <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.90.3176&rep=rep1&type=pdf> Acesso em: 15 set. de 2016.

LANDONI, Paolo; BARUFFALDI, Stefano H. **Return mobility and scientific productivity of researches working abroad**: The role of home country linkages. *Research Policy*, v. 41, p. 1655-1665. 2012.

LÉVY, P.A. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: ed.34, 6ª impressão. 2007.

MACHADO, Ana Claudia Teixeira. Google Docs & Spreadsheets: autoria colaborativa na web 2.0. *Revista e-Tec*, Belo Horizonte, v.2, n.1. 2009.

MANSOR, Ahmad Zamri. **Google docs as a collaboration tool for academicians**. *Social and Behavioral Sciences*, vol. 59, p. 411-419. 2012.

MARTINEZ, Karen Lucia. **Ciência Sem Fronteiras na UFSC**: a mobilidade estudantil em perspectiva sociológica. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/134980/Karen%20L%C3%BAciaTCL.pdf?sequence=1> Acesso em: 20 de jul. 2016.

MARTINEZ, Karen Lucia. **Ciência Sem Fronteiras na UFSC**: universitários atendidos e percepção dos alunos e das alunas em perspectiva sociológica. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/166498/TCC%20final.pdf?sequence=1> Acesso em: 15 ago. 2016.

MOROSINI, Marília C.; BERTINATTI, Nicole; GOLEMBIEWSKI, Luan. **Internacionalização e Permanência na Educação Superior**: um olhar voltado para o Ciência Sem Fronteiras (CsF). In: Conferência Latino Americana sobre el Abandono em la Educación Superior, 3., 2013, México. **Anais Eletrônicos...** México: CLABES, 2013. Disponível em: http://www.alfaguia.org/www-alfa/images/ponencias/clabesIII/LT_3/ponencia_completa_183.pdf Acesso em: 15 set. 2016.

NOGUEIRA, Maria A.; AGUIAR, Andrea M. de Souza; RAMOS, Viviane C. Caldeira. **Fronteiras Desafiadas**: a internacionalização das experiências escolares. **Educação & Sociedade**. Campinas, vol. 29, n. 103. 2008.

SPEARS, Eric. **The value of an intercâmbio**: Brazilian student mobility, bilateralism & international education. *Revista Eletrônica de Educação*, v.8, n.1, p.151-163. 2014.

STALLIVIERI, Luciane. **O processo de internacionalização nas instituições de ensino superior**. Brasília, v. 24, n. 48-49. p. 35-57, 2003.

STALLIVIERI, L. **Ciência sem Fronteiras** abriu diálogo qualificado entre instituições mas escancarou dificuldade dos estudantes de se comunicar em outros idiomas. *Revista Ensino Superior Unicamp*, Universidade Estadual de Campinas, SP, 24 fev. 2016. Disponível em: <https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/artigos/ciencia-sem-fronteiras-abriu-dialogo-qualificado-entre-instituicoes-mas-escancarou-dificuldade-dos-estudantes-de-se-comunicar-em-outros-idiomas> Acesso em: 16 fev. 2016.

SOUZA, Irineu Manoel; FELIPPE, Samuel. **Gestão do Conhecimento na Gestão Pública**: Desafios do Programa Ciências Sem Fronteiras. *Práxis Educacional*, vol. 9, n. 14, p.125-144. 2013.

TEICHLER, Ulrich. **The Changing debate on Internationalization of higher education**. *Higher Education*, n.48, p. 5-46, 2004.

WEBER, Marx. *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Tradução: Régis Barbosa e Karen Barbosa. ed. UNB: São Paulo. 2004.